





5.

Percursos da pesquisa de campo: as *rodas de conversas* e a caracterização dos jovens e seus contextos

As *rodas de conversa* tiveram como proposta convidar os participantes a debater o tema da violência e vulnerabilidade, tendo como mote os recortes de notícias, selecionadas de um total aproximado de 230 notícias, coletadas do jornal O GLOBO, ao longo de um período de nove meses. A intenção do recorte foi buscar dentro do número total de notícias coletadas, reportagens que representassem os três tipos de vulnerabilidade estabelecidos anteriormente: *social, institucional e individual*. Como veremos a seguir, sete reportagens foram selecionadas e utilizadas para fomentar o debate nas *rodas de conversas*.

As notícias selecionadas para o debate nas *rodas de conversas* foram as seguintes:

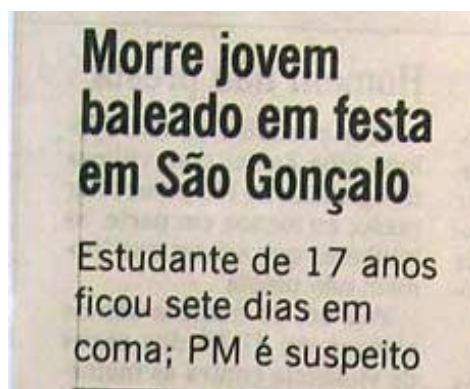
Data	Editoria	Notícia	Tipos de Vulnerabilidade
27/05/08	Rio 11		Individual
02/06/08	Rio 9		Individual
16/06/08	Capa		Institucional/ Social
29/06/08	Rio 24		Institucional

15/07/08 O País 9



Institucional

15/09/08 Rio 11

Social/
Institucional

23/12/08 O País 4



Individual

Aqui cabe a ressalva de que, como dito anteriormente, a divisão das notícias em categorias tentou apenas auxiliar na compressão da complexidade dos contextos de vulnerabilidades, conscientes de que a realidade não cabe em rótulos. Nesse sentido, quando separamos as notícias percebemos que dois ou até três tipos de categorias perpassavam a mesma reportagem. Este fato evidenciou que a teoria não pode prescindir a singularidade dos eventos únicos da realidade.

A partir da apresentação das notícias duas questões foram apresentadas para incentivar o debate entre os jovens e a pesquisadora, a saber: Por que os jovens morrem? Como eles morrem?

Pode ser constatado que, na fala dos jovens durante as oficinas, as categorias de vulnerabilidade e risco, extraídas das notícias de jornal, ganharam maior concretude, na medida em que eram atualizadas a partir de relatos contundentes de histórias de vida e experiências dos próprios jovens. Assim, a análise dos depoimentos dos jovens que se revelaram no âmbito das *rodas de conversas* possibilitou instituir novas categorias de vulnerabilidade, mais específicas e concretas referendadas pela experiência narrada dos participantes.¹²

¹² Vale destacar que as “*rodas de conversas*” foram gravadas em vídeo com a autorização prévia dos integrantes, visando à produção de um material em forma de documentário, que ao valorizar o depoimento dos jovens, amplia a participação deste segmento social, além de permitir o acesso a

De acordo com Spink (2004), nesta abordagem metodológica, as questões de pesquisa constituem o foco da discussão dos participantes permitindo que todos, pesquisador e jovem, possam se envolver em um processo de construção de sentido. O fazer do pesquisador encaminha o processo para todos os envolvidos de modo que tanto o pesquisador como os jovens são colaboradores na produção de conhecimento.

Nessa perspectiva, os jovens, ao relatarem suas experiências de vida, contribuem para a produção de conhecimento acerca do tema. Suas falas deflagradas pelas notícias amparam as categorias pré-estabelecidas e as reavivam a partir dos relatos pessoais. Nesse sentido, as oficinas de debate com os jovens têm como objetivo valorizar as histórias de vida e perceber o que elas trazem de contribuição para a compreensão do universo controverso da violência e da vulnerabilidade juvenil, sobretudo no desenvolvimento de políticas públicas de combate e prevenção do problema.

Abramo (2007) esclarece que quando o assunto é políticas públicas voltadas para a juventude, diferentes setores da sociedade são consultados, levantam-se dados, estudos e análises para tratar da questão, no entanto, a autora afirma que:

... parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano da sua tematização quanto das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; dificuldade de ir além da sua consideração como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los (p.77).

Portanto, ouvir o jovem significa resgatá-lo do lugar de objeto e reconstituí-lo como sujeito e, nesse processo, reconstituir sua cultura e história, levando em consideração suas narrativas que, embora fundamentais, têm sido deixadas de fora pelos responsáveis pela elaboração de políticas públicas para este setor.

Os recentes questionamentos sobre a realidade dos jovens vêm suscitando a atualização da categoria de “juventude” em “juventudes”, não apenas em função

outros jovens interessados neste debate e profissionais da área. Abordaremos posteriormente o tema do uso do vídeo nesta pesquisa.

de mudanças estruturais, mas também das práticas sociais dos jovens que – conforme os estudos contemporâneos sobre o tema – apontam para a diversidade de formas de *ser jovem*. Autores como Abramo (1994), Sposito (1997), Dayrell (2007), Carrano(2000), Peralva (2007), Pais (1993) e Melucci (2007) fornecem a estrutura teórica para delimitação do conceito. Segundo Dayrell (2007):

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. (p.157)

Pesquisando sobre o tema, Abramo (1994) expôs que:

a delimitação de faixas etárias (correspondências a etapas do ciclo vital) é um fenômeno universal da vida social. Porém, é de modo particular que cada sociedade define etapas e lhe atribui significados, e nem sempre isso resulta na constituição de grupos homogeneamente etários. (p.13)

Abramovay e Esteves (2009) esclarecem que, ao contrário de grupos homogêneos, a realidade social demonstra que o que existe são grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, as autoras destacam que:

a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (p.23)

A definição das autoras sugere que a concepção de juventude extrapola a mera delimitação dos ciclos vitais derivada da perspectiva do desenvolvimento bio-psíquico do sujeito. Concebendo-a como uma construção social inclui fatores sociais, históricos, econômicos que se associam para a formação do conceito. No caso dos jovens de Belfort Roxo¹³ esses fatores são de grande relevância. A própria existência do Programa ProJovem¹⁴ revela a condição da juventude em

¹³ Uma das *rodas de conversa* foi realizada no município de Belfort Roxo.

¹⁴ Adiante explicaremos o programa ProJovem.

nossa sociedade. O grupo formado em Belfort Roxo era composto predominantemente por jovens acima de 25 anos, negros e pardos; não coincidentemente esse também é o segmento mais vulnerável a violências e riscos sociais. Segundo pesquisa de Rubens César Fernandes (2004), jovens afastados do sistema de ensino estão particularmente mais expostos aos riscos da violência. Fernandes explica que como a escola é o principal instrumento de que dispõe o governo para interagir com essa faixa etária, esses jovens ficam mais distantes de ações e políticas públicas que o favoreçam. Através de dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD) o autor expõe que é exatamente na faixa entre 15 e 19 anos que ocorre a mais alta taxa de evasão escolar. O ProJovem favorece, portanto, jovens que regressam ao sistema educacional.

5.1

Considerações sobre o uso da videogravação nas rodas de conversas

No texto *“Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas”*, Jobim e Souza (2003) destaca que o uso das imagens técnicas como instrumentos mediadores e reveladores das intensas experiências culturais e subjetivas que estamos vivendo pode beneficiar o processo da pesquisa em ciências humanas (p.77). A aposta na prodigalidade desse aparato parte da premissa que os modos de produção de conhecimento não podem estar distantes das práticas sociais e culturais cotidianas e, portanto, cabe ao pesquisador criar estratégias de investigação mais condizentes e integradas com a experiência do sujeito contemporâneo de ver e de ser visto a partir das mediações proporcionadas pelas imagens técnicas.

Na atual pesquisa a câmera foi concebida como um terceiro sujeito na cena, capaz de interferir no próprio desenvolvimento das *rodas de conversa*, favorecendo ou dificultando o surgimento de uma infinidade de comportamentos, expectativas e desejos que são incorporados na forma como o discurso vai sendo produzido naquele contexto específico. Deste modo, vale destacar que:

tanto o pesquisador quanto os sujeitos envolvidos na pesquisa estão juntos trabalhando acerca de um tema específico e a narrativa se desenvolve a partir de um compromisso que supõe a presença da câmera e todas as consequências de sua influência nos rumos que o discurso assume no contexto da entrevista (Jobim e Souza, 2003, p.88).

Isso de fato se verificou no decorrer das *rodas de conversa*. Em vários momentos, foi possível observar que os participantes demonstravam plena consciência sobre os efeitos que a câmera provocava em suas falas. Ou seja, a presença da câmera tornava explícita a preocupação com a repercussão das falas em outros espaços públicos, uma vez que todos levavam em consideração que aquele momento não se extinguiria e a possibilidade de reprodução das imagens e das falas eram infinitas. Neste sentido, é que em uma das oficinas um dos participantes fez questão de verbalizar a importância do registro como via de acesso de suas falas a esfera do poder instituído. Outro participante reconheceu o valor do debate e de sua possibilidade de propagação como meio de mostrar o que os jovens pensam. Nesse sentido, Jobim e Souza destaca o seguinte:

O uso da videogravação em pesquisa acadêmica não se caracteriza somente como um rico instrumento de coleta de dados, mas operacionaliza a condição na qual pesquisador e sujeitos envolvidos poderão ter possibilidades efetivas de construir conhecimentos sobre as práticas sociais e as representações, tecidas nas interações com o cotidiano, expressas na linguagem audiovisual (p.91).

Em última instância, o registro dos depoimentos dos jovens por meio da videogravação permite que, através da edição posterior das imagens, jovens de espaços diversos e a princípio distantes entre si, possam tornar-se interlocutores. Ao se editar os registros das *rodas de conversas*, o que se promove é um amplo diálogo entre os participantes. Assim sendo, a edição em vídeo, tornou possível encontrar pontos em comum e aspectos discordantes que confrontados converteram-se em um grande debate. É nesse contexto que os conceitos de dialogismo e alteridade (Bakhtin, 1999, 2003) se apresentam como fundamentais para a compreensão da dinâmica das *rodas de conversa*. Esses conceitos, tal como o autor os compreende e define, permitem a construção de um modo de se relacionar com o outro, compreendê-lo e produzir conhecimento sobre as relações e experiências que se constituem no ato e no âmbito da pesquisa. A relação de alteridade se estabelece no próprio ato de investigar a partir do encontro e

confronto da diversidade de lugares e pontos de vista assumidos. Contudo, a presença da câmera no contexto das *rodas de conversas* traz um elemento novo no interior desta dinâmica, uma vez que a câmera se configura como um outro que interfere e modela o discursos em direções mais amplificadas. Portanto, o uso da técnica, a câmera neste caso, é um ator que afeta e é afetado pelos outros atores envolvidos. Assim, o que se busca com a utilização deste aparato é muito menos captar sutilezas legítimas nos discursos dos jovens envolvidos, por meio de uma observação filmada, mas sim compreender como a câmera torna-se outro ator na cena, que afeta todos os envolvidos. A possibilidade de se reproduzir as falas para além do momento presente e em outros espaços estabelece condições de possibilidade que fazem dos discursos ali presentes um ato público. Este aspecto é bem ilustrado no depoimento de um jovem. Em uma das *rodas de conversa*, enquanto a pesquisadora explicava para o grupo que a câmera teria um papel fundamental na pesquisa – para além do mero registro da oficina – pelo fato de permitir a reprodução e propagação das falas construídas para além daquele espaço, um jovem participante levantou a mão e pediu a palavra: “*Por exemplo, a gente quer falar com as autoridades, a gente não pode, mas tem o arquivo que dá para falar com eles, não é mesmo?*”. A intervenção do jovem exemplifica a ubiquidade do discurso gravado em vídeo, posto que tornado arquivo, os discursos ali produzidos ganham a possibilidade de serem amplificados e, assim, contribuírem para novas discussões sobre o tema, podendo inclusive participar da construção de políticas públicas no país.